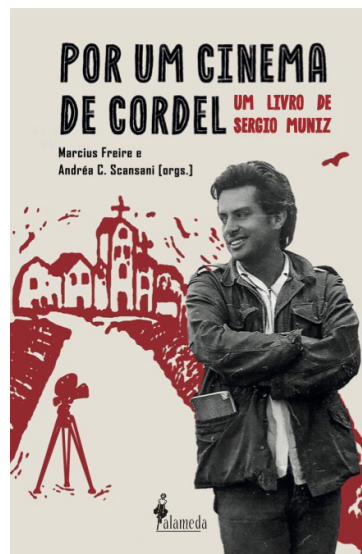


Por um Cinema de Cordel

Arthur Autran*



Por um Cinema de Cordel: um livro de Sérgio Muniz
Marcius Freire e Andréa C. Scansani (Orgs.),
São Paulo: Alameda, 2024.
ISBN: 978-65-5966-257-9.

A publicação de *Por um Cinema de Cordel: um livro de Sérgio Muniz* é exemplar da dedicação a um projeto. Inicialmente, o volume foi pensado pelo próprio Sérgio Muniz, documentarista que dirigiu obras marcantes no quadro do cinema brasileiro tais como *Roda e outras estórias* (1965) ou *Beste* (1969), integrou a equipe da célebre *Caravana Farkas*¹ e foi um dos fundadores da Escuela Internacional de Cine y Televisión, localizada em Cuba. A partir de certo momento, ele solicitou aos pesquisadores Marcius Freire, da Unicamp e Andréa C. Scansani, da Universidade Federal de Santa Catarina, que levassem a frente o intento. O cineasta faleceu em 2023 e não pode ver o livro concluído, infelizmente.

1. Caravana Farkas é o nome dado por Eduardo Escorel à experiência de produção capitaneada por Thomaz Farkas entre fins dos anos 1960 e início dos 1970 e da qual participaram, além de Sérgio Muniz e do próprio Escorel, Geraldo Sarno e Paulo Gil Soares, entre outros nomes. A caravana viajou ao interior do Nordeste filmando aspectos da cultura popular, este material deu origem a dezenove documentários de curta-metragem. Alguns filmes daí decorrentes integram o cânone do cinema brasileiro, tais como o mencionado *Beste* e também *Frei Damião: trombeta dos aflitos, martelo dos hereges* (Paulo Gil Soares, 1970).

* Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, Centro de Educação e Ciências Humanas, Departamento de Artes e Comunicação. 13565-905, São Carlos - SP, Brasil. E-mail: autran@ufscar.br

Trata-se de uma proposta editorial instigante, conforme buscarei demonstrar ao longo deste texto, e que poderá inspirar outros livros dedicados a cineastas de destaque no âmbito do cinema brasileiro. O grosso volume conta com 550 páginas e encontra-se dividido nas seguintes seções, para além da tradicional “Apresentação” coescrita pelos organizadores: “Perspectivas Críticas”, “Entrevistas”, “Em Imagens”, “Em Suas Próprias Palavras”, “Pontos de Vista” e “Testemunhos”.

“Perspectivas Críticas” reúne contribuições de diversos autores, a maior parte ligada ao ambiente universitário, mas há também críticos de cinema e diretores. Encontramos desde análises filmicas de documentários específicos, passando pela exposição de aspectos da militância do cineasta no campo artístico-cultural, até balanços da sua carreira e textos de tom memorialístico. Tão somente a título de exemplo, destaco alguns artigos. O de Ignacio Del Valle Dávila tece as relações de Sérgio Muniz com cineastas ligados ao chamado Nuevo Cine Latino-americano, mostrando como estas redes foram construídas desde os anos 1960 e seu caráter artístico, político e cultural, bem como o papel de Sérgio Muniz neste âmbito. Também aprofundi o meu entendimento acerca do pungente *Você também pode dar um presunto legal* (1973) por meio da contribuição da professora Angeluccia Habert, que faz uma instigante análise do filme utilizando o conceito de teatro épico, tal como elaborado por Walter Benjamin. A pesquisadora Naara Fontinele discute este mesmo documentário debatendo a forma pela qual ele se reapropria de diferentes materiais; trata-se igualmente de uma abordagem que aprofundou a minha compreensão acerca da obra. Também me parece inspirador o curto artigo de Jean-Claude Bernardet, o qual pontifica que “*Roda* é um filme precursor na cinematografia brasileira” (2024: 29) ao indicar uma perspectiva mais próxima do “cinema ensaio” e dissonante em relação à proposta de *Viramundo* (Geraldo Sarno, 1965); com base nesta interpretação é possível construir novas hipóteses sobre os caminhos do documentário brasileiro moderno, ampliando a trajetória proposta pelo próprio Bernardet (1985) em *Cineastas e imagens do povo*. Em resumo: no que pese certa reiteração de algumas informações ao longo dos diversos textos, trata-se de um conjunto riquíssimo.

A parte intitulada “Entrevistas” reúne uma série de depoimentos concedidos por Sérgio Muniz desde meados dos anos 1960 até próximo da sua morte. As entrevistas mais antigas concentram-se na discussão acerca do Cinema Novo, do documentário moderno e dos objetivos políticos do cinema, enquanto as mais recentes são marcadas pelo tom retrospectivo. Exemplo de reflexão muito rica para a história do pensamento cinematográfico é a entrevista concedida ao crítico Guy Henebelle, publicada na França em 1979, acerca do manifesto “Hacia un Tercer Cine”, de Fernando Solanas e Octavio Getino. No que pesasse reconhecer a importância de muitas das premissas expostas no documento, Muniz considerava inaplicável ao Brasil o tipo de cinema ali defendido, seja em decorrência da repressão política, seja pelo fato de que os cineastas brasileiros teriam focado a sua militância na obtenção de medidas de proteção ao filme nacional. Afigura-se importante a consciência aí delineada por Sérgio Muniz, pois, como constatei em um trabalho anterior, o pensa-

mento industrial do meio cinematográfico brasileiro era tão preponderante que não havia espaço para o desenvolvimento de propostas anti-industrialistas, tal como a formulada em “Hacia un tercer cine” (Autran, 2013).

“Em Imagens” é um caderno de fotografias do cineasta. Há fotos de situações de filmagens – por exemplo dos documentários *O povo do Velho Pedro* (Sérgio Muniz, 1967) e *Viramundo* –, de viagens por festivais internacionais—Mérida em 1968 ou Viña del Mar em 1969 –, encontros com personalidades da cultura e da política – Joris Ivens, Gabriel García Márquez, Fernando Birri e Fidel Castro, entre outros nomes – e da militância político-cultural do homenageado. Uma pena a qualidade das reproduções ser baixa, pois, o conjunto selecionado é também uma forma de recontar aspectos da vida de Sérgio Muniz, além de (re)ver o seu sorriso aberto, tão marcante para quem o conheceu pessoalmente.

A seção “Em Suas Próprias Palavras” reúne depoimentos e textos escritos por Sérgio Muniz nos quais rememora o trabalho com Thomaz Farkas, a realização dos documentários que dirigiu e a experiência de ter atuado junto à Escuela Internacional de Cine y Televisión. No depoimento intitulado “O início da carreira com Thomaz Farkas nos anos 1960 e 70”, concedido a Flávio Brito, é muito interessante perceber a rede de sociabilidade descrita: Sérgio Muniz menciona que seu primo, Bráulio Pedroso – futuramente um dramaturgo de destaque –, o levou para ver as filmagens de *Alameda da Saudade, 113* (1951), de Carlos Ortiz; ademais, rememora que se iniciou na atividade cinematográfica como assistente de câmera de Ruy Santos em um documentário sobre a casa de Mário de Andrade. Ora, tanto Bráulio Pedroso, quando Carlos Ortiz e Ruy Santos militavam naquela quadra no PCB (Partido Comunista Brasileiro) e, não por acaso, Sérgio Muniz também aderiu à agremiação. A forma pela qual o PCB se relacionava com o meio cinematográfico nos anos 1950 ainda precisa ser mais conhecida, em especial, essas formas de sociabilidade que articulavam política, produção cultural e amizades. As lembranças de Sérgio Muniz são relevantes para entendermos, ainda que parcialmente, como isso ocorria. Já o depoimento intitulado “Cinema latino-americano e as origens da EICTV em San Antonio de los Baños” é riquíssimo ao relembrar a fundação desta importante escola de cinema e o seu trabalho na instituição, além de dar a ver redes de relações com cineastas da América Latina.

As partes “Ponto de Vista” e “Testemunho” são constituídas por textos em geral breves de diversas personalidades ligadas ao cinema e a outros tipos de produção artística, à universidade, à política, à psicanálise, entre universos profissionais variados. As manifestações dizem respeito ao próprio cineasta – em “Ponto de Vista” - ou aos documentários *Você também pode dar um presunto legal* e *Amizade* (2009) – em “Testemunho”. Sobre o primeiro filme, há depoimentos fortes de pessoas que militaram politicamente durante a ditadura militar, sendo representativa a perspectiva de Francisco Ramalho Jr., cineasta e roteirista do documentário: “não me agradou vê-lo, pois todo um passado me veio à tona como se fosse há algumas semanas. Vivi, como você, tudo isso, e acredito que o seu filme é o sentimento de parte de nossas vidas.” (Freire, M. & Scansani, A. C., 2024: 486)

A diversidade de materiais reunidos em *Por um Cinema de Cordel* constitui-se em uma rica contribuição, pois é possível ter contato com a reflexão de ponta acerca do trabalho do cineasta, com diversos documentos – cujo acesso muitas vezes é bem restrito – que podem servir aos pesquisadores, além de dar a ver de maneira menos intermediada o que pensou Sérgio Muniz, bem como podemos ler *insights* de amigos, colegas e pupilos acerca do diretor e sobre alguns de seus documentários.

A leitura do livro também me levou a considerar uma série de temas que as pesquisas acerca da história do cinema poderiam se deter: a participação dos brasileiros na estruturação da EICTV, as relações de sociabilidade entre os comunistas do meio cinematográfico, as ligações do IEB (Instituto de Estudos Brasileiros) com o cinema e a questão da autocensura entre os diretores de cinema durante a ditadura militar. Trata-se apenas de alguns exemplos e, certamente, são estes que me ocorreram devido aos meus interesses de trabalho, mas o livro é prenhe de possibilidades.

Antes de concluir, vale a pena explicar o “Cinema de Cordel” a que o título do livro remete. Em entrevista ao pesquisador Gilberto Alexandre Sobrinho, Sérgio Muniz explica que ao realizar *Roda e outras estórias* pretendia “fazer um cinema que fosse popular, assim como havia uma literatura popular e, na medida do possível, que quase chegasse ao anonimato, que as pessoas pudessem passar para a frente.”, daí ele ter chamado a sua produtora de Cinema de Cordel (Freire, M. e Scansani, A. C., 2024: 356). É bem verdade que esta proposta diz muito das ilusões dos intelectuais de esquerda dos anos 1960 quanto ao popular; por outro lado, ela é reveladora das esperanças e da generosidade que marcaram aquela geração.

Por um Cinema de Cordel transpira amor por Sérgio Muniz e pelo cinema brasileiro de maneira mais geral. É uma obra importante para que conheçamos um cineasta cuja contribuição cultural ainda é pouco reconhecida, além de colaborar como fonte para novos estudos acerca de Sérgio Muniz e do cinema documentário.

Referências bibliográficas

- Autran, A. (2013). *O pensamento industrial cinematográfico brasileiro*. São Paulo: Hucitec.
- Bernardet, J.-C. (1985). *Cineastas e imagens do povo*. São Paulo: Brasiliense.
- Bernardet, J.-C. (2024). O pensamento de Sérgio Muniz. In: Freire, M. & Scansani, A. C. *Por um Cinema de Cordel: um livro de Sérgio Muniz*. (pp. 29-31). São Paulo: Alameda.
- Freire, M. e Scansani, A. C. (2024). *Por um Cinema de Cordel: um livro de Sérgio Muniz*. São Paulo: Alameda.

Filmografia

Alameda da Saudade, 113 (1951), de Carlos Ortiz.

Amizade (2009), de Sérgio Muniz.

Beste (1969), de Sérgio Muniz.

Frei Damião: trombeta dos aflitos, martelo dos hereges (1970), de Paulo Gil Soares.

O povo do Velho Pedro (1967), de Sérgio Muniz.

Roda e outras estórias (1965), de Sérgio Muniz.

Viramundo (1965), de Geraldo Sarno.

Você também pode dar um presunto legal (1973), de Sérgio Muniz.